

Aula 5

TUPINAMBÁ E TAPUIA: MODOS DE SER INDÍGENAS?

META

Apresentar o modo de ser das culturas tupinambá e tapuia como traços culturais de um povo.

OBJETIVOS

Ao estudar esta lição, o aluno deverá:
discernir os modos de ser de cada povo.

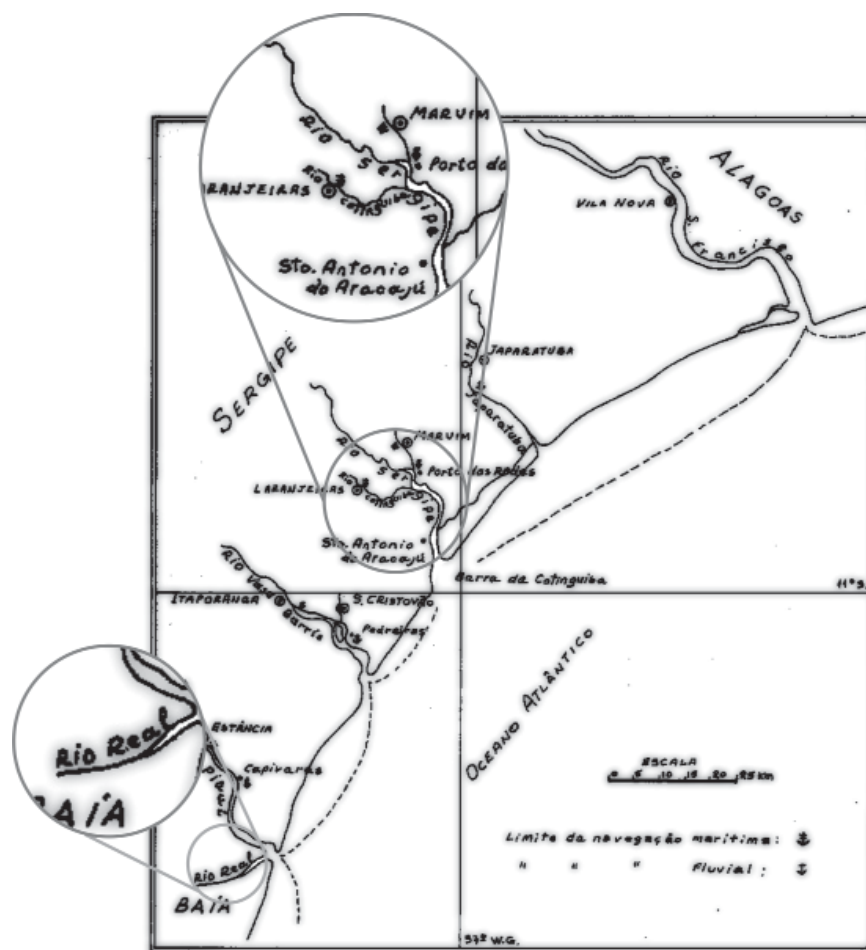
PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado o conteúdo das aulas 01 a 04.

Antônio Lindvaldo Sousa

INTRODUÇÃO

Olá, caro aluno ou querida aluna: Os textos das aulas anteriores nos ajudarão na compreensão da temática que iremos enfocar nesta aula. Provavelmente você deve estar curioso para saber informações sobre os nossos primeiros habitantes. Penso que está fazendo as seguintes perguntas: Como viviam? Habitavam todo o território sergipano? Onde mais se concentravam? Como seria seu modo de ser? O correto não seria falarmos no plural “modos de ser”, de culturas diferentes?



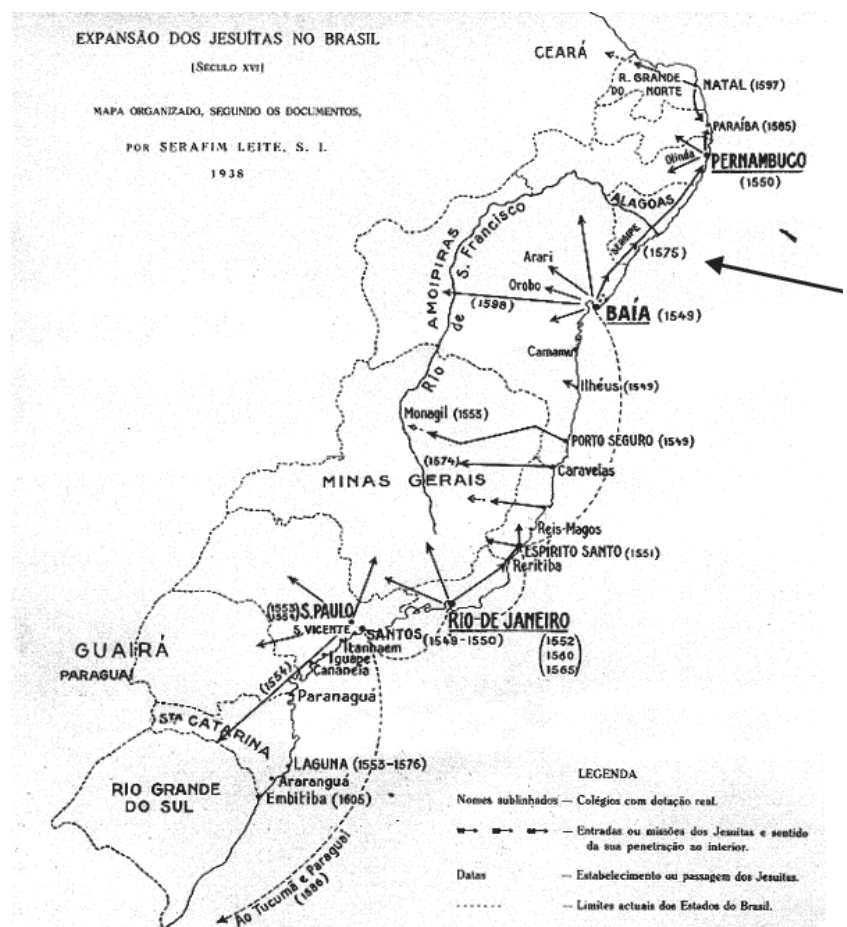
(Fonte: ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. Sergipe: fundamentos de uma economia dependente. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 26).

SER INDÍGENA

Eram inúmeros os núcleos de povoamento dos primeiros habitantes de Sergipe, antes da chegada de Gaspar Lourenço e seu irmão João Salônio, primeiros padres jesuítas em missão cristã católica, no ano de 1575, entre os rios que hoje conhecemos pelos nomes de Real e Sergipe. No mapa 01, na página anterior, localize esses dois rios.

Em seguida, observemos no mapa 02 a indicação da presença desses padres jesuítas no território que convencionamos chamar de Sergipe. Atentemos que eles chegaram à Bahia e ocuparam também vários lugares no território brasileiro ao longo do século XVI. Marcaram presença praticamente em quase todo o litoral brasileiro.

A ocupação de um espaço não é atitude desvinculada da cultura de um grupo social. Os jesuítas sabiam por que estavam construindo suas missões no litoral do território brasileiro. Eles só chegaram a Sergipe, e nas demais localidades apontadas no mapa, por serem porta-vozes da sua cultura. Em outro texto apresentaremos quem foi o padre Lourenço e os demais religiosos que atuavam ao longo dos dois rios: Real e Sergipe; entenderemos depois por que eles eram porta-vozes da cultura do mundo português e, sobretudo, da Igreja Católica no século XVI.



Refleta: por que deixamos para um próximo texto a compreensão da ocupação do espaço sergipano por parte dos jesuítas? Por que também deixaremos para depois o entendimento dos jesuítas como protagonistas da cultura portuguesa e da Igreja Católica no século XVI?

Acertou quem disse que estamos valorizando a cultura dos primeiros habitantes, considerando-os como tendo uma cultura diferente da dos jesuítas e dos outros colonizadores pertencentes ao “Velho Mundo”. Observe que escrevemos a palavra “diferente”, e não “inferior”, seguindo as mesmas orientações apontadas nos nossos primeiros textos. Com isto, queremos

dizer que havia espaços ocupados e culturas antes da chegada desses padres e demais colonizadores no território sergipano. De igual forma, também queremos dizer que a História de Sergipe e do Brasil como um todo não começa com a chegada do homem do “Velho Mundo”.

Todavia, para compreendermos a cultura dos nossos primeiros povos precisamos de documentos. A antropóloga Beatriz Góis Dantas faz a seguinte declaração: “A questão das fontes é, aliás, fundamental para que se possa reconstituir os processos sociais, culturais e históricos vividos pelos índios” (DANTAS, 1991). Infelizmente, não conhecemos nenhuma fonte escrita pelos próprios primeiros habitantes que nos proporcionem uma aproximação da sua maneira de ser, dos seus símbolos, dos seus rituais, entre outros aspectos da cultura. As fontes que temos são deixadas pelos viajantes, cronistas, padres ou documentos oficiais do colonizador.

O que fazer diante desse problema? Não temos como apreender a cultura dos nossos primeiros habitantes?

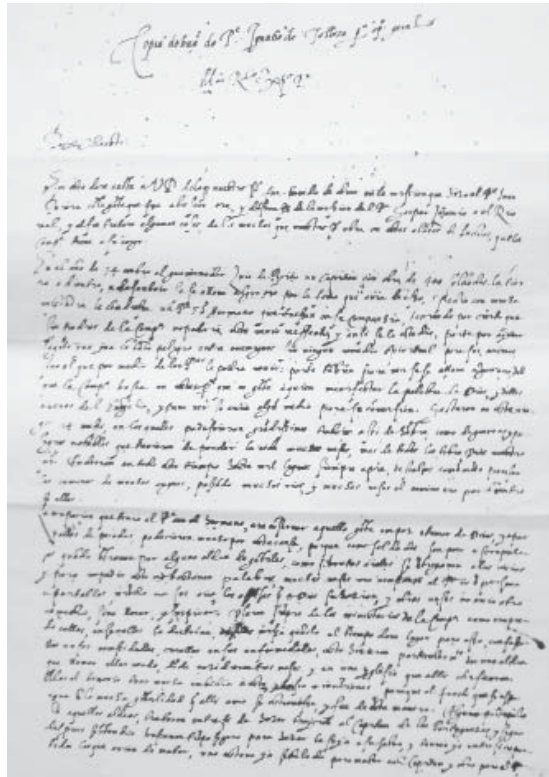
Para Pedro Puntoni (1998) “ao contrário do que pode fazer o historiador da Meso-América, por exemplo, não temos nenhum registro da parte dos povos indígenas como o seu ponto de vista”. Tal ausência, inevitavelmente, leva-nos a grandes embaraços com categorias usadas há muito tempo

por antropólogos, historiadores e outros pesquisadores.

Que categorias são essas? Quais os outros embaraços? Afinal, vale repetirmos: será que não temos como apreender a cultura dos nossos primeiros habitantes, apesar da ausência das fontes deixadas por eles?

Recentemente, muitos historiadores têm demonstrado insatisfação com as generalizações sobre os primeiros habitantes do Brasil. Muitos deles denunciam as incorreções, generalizações, estereótipos, preconceitos e desinteresses dos nossos historiadores sobre os nossos primeiros habitantes. Para Puntoni “a literatura tem comumente se respaldado em generalizações recorrentes”.

Essa mesma impressão é compartilhada pelo historiador **Ronaldo Vainfas**:



Capa da Carta de Toloza, uma fonte escrita na qual a descrição do outro é marcada pela alteridade.

Ver glossário no final da Aula

Desde **Varnhagem** nossos historiadores se acostumaram a conceber os indígenas, principalmente, como mão-de-obra, como objeto da catequese ou como bárbaro indômito que obstaculizava o avanço da colonização (VAINFAS, 1995).

O pesquisador está diante das fontes escritas pelo colonizador e elas estão cheias de armadilhas, podendo-nos levar a uma compreensão distorcida dos primeiros habitantes. Puntoni recomenda que o “historiador não pode desconsiderar os filtros necessários”. Devemos, por exemplo, ter um olhar atento para não cairmos numa generalização dos primeiros povos a partir de uma visão bipolar que enxerga os índios em duas unidades culturais (ou mesmo raciais): os **tupi** e os **tapuia**. Esse binômio em si – escreveu Puntoni – “a chave classificatória fundamental a perpassar a documentação e a historiografia.” Segundo Dantas (1987) “a categoria nativa Tapuia foi transformada em categoria analítica, dando início a um processo de classificação por exclusão: o que não fala Tupi, é Tapuia”. Dantas alerta ainda que até hoje o livro didático não só reproduz essa bipolaridade, mas apresenta os traços culturais dos Tupinambá para o modo de vida dos outros índios do Brasil. Transformam o múltiplo em uno, ignora-se a diversidade cultural e lingüística dos primeiros habitantes. Essa classificação bipolar é chamada de tupimania.

Ver glossário no final da Aula

E os tapuia, como aparecem nos documentos escritos? Os tapuia foram entendidos como tendo uma unidade histórica e cultural, em oposição não só ao mundo cristão, mas também aos povos tupi, habitantes do litoral. Tapuia é uma palavra da língua tupi que significa bárbaro e inimigo. Os tapuia eram uma generalização dos tupinambá em referência a todos os outros povos inimigos deles que habitavam outras partes do território brasileiro que não o litoral, sendo que nem falava as suas línguas.

Os pesquisadores parecem nos dizer: “Abram os olhos” para não reproduzir a bipolaridade tupinambá dos colonizadores e da historiografia. Vale ressaltar: o termo tapuia é uma noção historicamente construída. Está associado a uma noção de barbárie elaborada em vários momentos históricos, a começar pelo mundo tupinambá antes do século XVI. É igualmente importante frisar: podemos cair numa armadilha ao generalizarmos o modo de ser tupinambá para compreendermos todos os outros povos que habitavam Sergipe e o restante do Brasil.

A historiografia sergipana não foge à regra desses equívocos cometidos pela historiografia brasileira, notadamente quanto à generalização dos povos a partir da ótica da cultura tupinambá. Os pesquisadores sergipanos, em sua maioria, tratam dos primeiros habitantes como se todos eles fossem da cultura tupinambá. Muitas vezes esse exclusivismo é disfarçado em determinados autores e em outros não. **José Antonio da Silva Travassos** (1916) declarou: “eram os índios de Sergipe, todos da tribo tupinambá.”

Em *Os índios em Sergipe* e *A tupimania na historiografia sergipana*, Dantas consegue se distanciar dessa historiografia sergipana que generaliza os modos de ser indígenas a partir dos tupinambá. Segundo a autora, podemos perceber essa diversidade entre os povos que ocuparam o atual território de Sergipe quando afirmamos que “aqui viveram os Tupinambá

e os Kiriri além de muitos outros grupos menores como os Boimé, os Karapotó, os Aramuru, os Kaxagó etc”.



(Fonte: LESTRINGANT, Frank. O canibal: grandeza e dacedência. Tradução Mary Murray Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.)

Você deve estar admirado com a diversidade de nomes dos povos que habitavam o território sergipano antes da chegada dos jesuítas e demais colonizadores, e certamente deve ter elaborado a seguinte pergunta: não seria melhor dizer que os Tupinambá tinham “um modo de ser indígena”?

A pergunta é feita usando o artigo “um” no lugar de “o”. A escolha pelo artigo “um” reflete a sintonia do perguntado com a compreensão da temática de que estamos tratando neste texto. Esperamos que você tenha elaborado tal pergunta nessa sintonia. A mesma deve ter sido formulada por outros pesquisadores, como foi o caso de Dantas. Esta antropóloga, mesmo não explicitando tal pergunta, deixou claro qual era sua intenção ao criar o subtítulo denominado “Tupinambá, um modo de ser índio” no texto Os Índios em Sergipe.

É importante repetirmos: podemos afirmar com mais certeza que temos mais dados sobre o modo de ser tupinambá do que mesmo de um outro grupo, os kiriri e outros menores como os boimé, os karapotó, os aramuru, por exemplo.

Essa afirmação nos leva certamente a indagarmos: onde os tupinambá estavam geograficamente localizados no território sergipano? Qual o modo de ser tupinambá?

Estavam localizados, principalmente, na costa sergipana à época da chegada dos **jesuítas** e dos demais conquistadores. O “modo de ser” tupinambá deixou várias marcas no litoral nordestino. Inúmeras aldeias com grandes casas coletivas, rituais, símbolos, regras sociais, divisão social do trabalho, organização política, administrativa - chefes, **pajés**, conselho de anciões -, são alguns exemplos.

Observemos novamente as marcas no mapa 2, já citado. As representações no mapa das missões jesuítas sinalizam a presença dos jesuítas em Sergipe e nas demais localidades do Brasil. Nós poderíamos também apresentar outro mapa com a representação da presença dos tupinambá e outros povos em Sergipe e nas demais localidades do litoral brasileiro.

Em 1575, um dos superiores dos jesuítas fez um relatório das atividades das missões de Gaspar Lourenço e Salônio no território sergipano. Esse documento, que ficou conhecido pela historiografia como Carta de

Toloza - pois o nome desse superior era Toloza -, nos deixou algumas informações dispersas que possivelmente nos ajudam a compreender a localização dos tupinambá. Logo no início do documento existe a seguinte frase: “Vieram do Rio Real muitos índios principais das aldeias camareans que estão naquela parte...”

O trecho acima é significativo para compreendermos a existência de denominações de núcleos de habitantes fundados pelos próprios índios. Camareans é um nome de um espaço dado por esses povos.



Você conhece o nome de um rio, serra, povoado, cidade, alimento, vestuário ou tradições imateriais dos nossos primeiros povos?

Que tal sabermos o nome e o sentido das palavras “jenipapo”, “maturi”, “tapioca”, “sururu”. Não seria interessante você saber se ainda hoje esses alimentos são utilizados e de que forma?

Vejam os textos abaixo que ilustra essa nossa indagação.

Um pouco do sertão no coração de Aracaju.

No mercado central a venda dessa massa é o carro-chefe de 30 mulheres, que tiram da essência da mandioca, o seu ganha-pão. O local, tomado pelo pó branco, anuncia que ali se comercializa uma das maiores atrações do café da manhã [dos sergipanos: o beiju de tapioca (Correio de Sergipe, Aracaju, domingo, 13-14 fev. 2006, Arte e Televisão)].

O beiju é um alimento do sergipano, sendo vendido ainda hoje no mercado central de Aracaju e em muitos locais turísticos de todo o Estado de Sergipe, com o nome popularizado de “tapioca”.

Façamos uma tarefa: procure nomes de lugares, alimentos e objetos mais representativos da cultura dos nossos povos na região onde você mora. Inclua o significado das palavras. Mas não faça essa atividade de forma mecânica, listando somente os nomes e seus significados sem ligação com as tradições ainda hoje presentes em sua região. Consulte os mais velhos sobre os significados e descubra o porquê desses nomes ainda hoje serem lembrados enquanto outros foram esquecidos.



(Foto: Gerri Sherlock).

O “jenipapo” foi muito usado na cultura tupinambá como bebida e tinta para escurecer a pele, para se esconder dos espíritos maus ou para ir à guerra, entre outras finalidades. Da mesma forma, o uso de “riscar” partes do corpo, a tatuagem.



Retrato do rei Quoniambec, 1575, gravura em madeira, André Thevet.

Registros dessa tradição de riscar o braço como um ato de bravura entre os primeiros habitantes podem ser encontrados nos vários processos da inquisição de Lisboa, dirigidos por Heitor Furtado na sua visita ao Brasil, no ano de 1592. O processo de número 14098, por exemplo, pertencente ao mameluco João Gonçalves, natural da capitania de Ilhéus – processo esse estudado por Angelina Messias Imidio, aluna do curso de História da UFS, na monografia intitulada *Um soldado da conquista de Sergipe Novo...: o processo de inquisição de João Gonçalves (1592)* –, retrata que esse denunciado “afirmou ter feito o riscado pelo fato de tal atitude significar entre os índios ser forte e valente”.

Ser “forte” e “valente” são metas importantes a serem atingidas por homens tupinambá desde a infância até a vida adulta. Há vários rituais da cultura tupinambá que reforçam esses valores a serem atingidos em vida pelas crianças do sexo masculino.

Dantas, influenciada por Florestan Fernandes, relata que quando o menino nascia o pai ficava de quarentena – conhecido entre os primeiros povos como “couvade”-, deitado numa rede como guardião da defesa da vida do filho até o umbigo cair, para que ele não fosse acometido de doenças. O pai achatava o nariz do recém nascido, banhava e pintava, fazia uma oferta cerimonial de unhas de onça e garras de pássaro, conforme a tradição. Também colocava uma miniatura de arco e flecha e amarrava um molho de ervas, “que simbolizava os inimigos que ele deveria matar e comer ritualmente no futuro”- escreveu Dantas. Um costume que parece banal, quando o analisamos sem atentar para o contexto social em que ele é exercido.

A criança do sexo masculino simbolizava o agente da reprodução e precisava sobreviver para ser um homem forte e valente, para defender e manter o domínio dos tupinambá na região. Os valores guerreiros eram apreciados na cultura e tinham muita importância na vida do povo tupinambá. A guerra era uma realidade comum entre eles e uma das principais fontes de prestígio e elevação de status.

Imaginemos: o quanto de **cultura material** e **imaterial** – artefatos, danças, rezas, por exemplo - foram produzidos por um homem tupinambá mergulhado nos valores da guerra? A tatuagem do corpo é uma ação tipicamente comum dessa cultura, bem como produção de lanças e a pintura de jenipapo no corpo.

Ver glossário no final da Aula

Tais práticas fazem parte da cultura tupinambá. Tem sentido quando a olhamos a partir da própria cultura deles.

Estima-se que era numerosa a população dos tupinambá no território que hoje denominamos o Estado de Sergipe. Pelos cálculos dos cronistas e viajantes do século XVI, havia mais de 20.000 índios.

Os dados estatísticos não são muito confiáveis. Eles não revelam traços da cultura tupinambá e nem dos outros povos, do tipo: quais os modos de enterrar seus mortos? Como se alimentavam? Quais as doenças?

Em parte, muitas dessas perguntas continuaram sem respostas. Como já afirmamos acima, os tupinambá ou outros povos indígenas do Brasil não deixaram nada escrito.

Entretanto, a arqueologia pode ser uma aliada na compreensão de traços da cultura dos primeiros povos que não sabiam ler e escrever. Ela nos ensina que os homens e mulheres do passado deixaram inúmeras fontes materiais da sua cultura.

Mas, deixemos essas informações para outra lição. Apreciaremos na próxima aula em que a arqueologia em Sergipe nos auxilia, para completarmos tais indagações sobre a cultura dos nossos primeiros habitantes.

CONCLUSÃO

Com o estudo desta lição, percebeu-se que se perderam no tempo as informações acerca dos primeiros habitantes de Sergipe e do Brasil. Mas essa condição não nos impede a compreensão de traços da cultura desses povos.



RESUMO

Iniciamos esta aula falando da chegada dos primeiros jesuítas a Sergipe, e vendo que, a partir daí, o que se tem são generalizações recorrentes acerca dos costumes dos primeiros habitantes, generalizações estas praticadas pelos historiadores sergipanos, seguindo o modelo adotado pelos outros profissionais da área. Portanto, para que se tenha uma imagem mais precisa da cultura dos índios é necessário o trabalho dedicado de antropólogos e paleontólogos, a fim de reconstituírem os costumes, os hábitos sociais e outras práticas imateriais dos nossos ancestrais. De fato, não há documentos e são pouquíssimos os indícios deixados pelos índios, sendo que alguns deles até chegaram aos nossos dias, como a tatuagem, por exemplo. Pelos cálculos dos estudiosos, eram mais de 20.000 os tupinambá em Sergipe, por ocasião da chegada dos jesuítas.



ATIVIDADES

Descubra, no seu município, algum remanescente da cultura indígena, de origem material ou imaterial.

REFERÊNCIAS

DANTAS, Beatriz Góis. Tupinambá, um modo de ser índio. Os índios em Sergipe. In: DINIZ, Diana Maria de Faro Leal. **Textos para a História de Sergipe**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Banco do Estado de Sergipe, 1991, p. 19- 28;

_____. **A Tupimania na historiografia sergipana**. Revista do IHGSE, n. 29, 1983-87, 39-50.

IMIDIO, Angelina Messias. **“Um soldado da conquista de Sergipe Novo...”**: o processo de inquisição de João Gonçalves (1592). Monografia de Conclusão de Curso. Licenciatura em História. DHI/UFS, São Cristóvão, 2007.

LEITE, Serafim. **Sergipe Del Rey**. Da Bahia ao Nordeste. IN: História da Companhia de Jesus no Brasil. Instituto Rio de Janeiro: Nacional do Livro/ Lisboa: Livraria Portuguesa, 1945, tomo V, p. 316-327;

POMPA, Cristina. **Religião como tradução**: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial. Bauru: São Paulo: EDUSC, 2004, p. 41-56 e 339-378.

PUNTONI, Pedro. Tupi ou não Tupi? Uma contribuição ao estudo da etnohistória dos povos indígenas no Brasil Colônia. Ethnos – **Revista Brasileira de Etnohistória**., ano II, n. 2, jan-jun. 1998. p. 00.

SILVA, Andreza. **Híbridos na carne e no espírito**: o processo inquisitorial de Simão Rodrigues (1591-1593). Monografia de Conclusão de Curso. Licenciatura em História. DHI/UFS, São Cristóvão, 2006.

TRAVASSOS, José Antônio da Silva. **Apontamentos históricos e topográficos sobre a Província de Sergipe**. Revista do IHGSE, v. 3, n. 06.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos Índios**. Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 41-69.

GLÓSSARIO



Ronaldo Vainfas: Historiador carioca. Professor titular de História Moderna na Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em história colonial ibero-americana. Entre seus livros, destaca-se *Trópico dos Pecados* (1997).



Adolfo de Varnhagen: Historiador paulista (1816-1878). Considerado o “pai da historiografia”. Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e nomeado adido cultural da missão do Brasil em Lisboa. Editou a *História Geral do Brasil* (1854).

Antônio Travassos: Advogado e político sergipano (1804). Em 1858 editou em Santo Amaro das Brotas o jornal *Conciliador*.

Jesuítas: A Companhia de Jesus (em latim, *Societas Iesu*, abreviadamente S. J.), cujos membros são conhecidos como jesuítas, é uma ordem religiosa fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados pelo basco Íñigo López de Loyola (Santo Inácio de Loyola). É hoje conhecida principalmente por seu trabalho missionário e educacional.

Pajés: Espécie de curandeiro e adivinho que tem a capacidade de invocar ou incorporar espíritos por meio de estados alterados de consciência como o sonho, o transe místico etc., e por isso é eleito pela comunidade para realizar rituais mágico-religiosos

Cultura material: O conjunto dos artefatos de um grupo sociocultural, e das técnicas, conhecimentos, etc. relativos à produção e uso de tais artefatos.

Cultura imaterial: Patrimônio cultural Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam a seus descendentes.